



A espiritualidade Scalabriniana na missão do leigo Missionario Scalabriniano

Analita Candaten, mscs

A ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA NA MISSÃO DO LEIGO MISSIONÁRIO SCALABRINIANO

Ir. Analita Candaten, mscs

I- VISÃO TEOLÓGICA E ESPIRITUAL DO FENÔMENO MIGRATÓRIO

1. A ótica teológica

A teologia das migrações tem como objetivo, fazer uma leitura dos fenômenos migratórios à luz da vocação eterna do *homo viator* (peregrino). Ela possibilita ver as migrações vitalmente conexas numa única história de salvação e descobrir o apelo de Deus e a sua ação salvífica presentes nos próprios fenômenos. «A Sagrada Escritura em tudo nos propõe um sentido» (EMCC, 14). A fé entrevê nas migrações o caminho dos Patriarcas, sustentados pela Promessa, o êxodo, o exílio, a mensagem universal dos profetas, que denunciam as coisas contrárias ao plano de Deus e, fazem destas, ocasião para anunciar a salvação a todas as pessoas, testemunhando que Deus continua realizando o seu plano de salvação, até à completa recapitulação do universo em Cristo (EMCC, 13).

A ótica teológica também caracteriza a doutrina sobre as migrações. A Igreja sempre contemplou nos migrantes a imagem de Cristo, que disse: «Era forasteiro e me acolhestes» (Mt 25,35). Esta ótica é necessária para uma ação pastoral eficaz, caso contrário, poderá tornar-se um simples ativismo social.

2. A experiência espiritual no contexto das migrações

A santidade como meta

A vocação comum de todos os cristãos é a santidade (LG, cap. V). Para nós scalabrinianos, o caminho espiritual proposto para alcançar a santidade cruza as diferentes estradas de tantos povos, etnias, culturas e tem como meta definitiva o imperativo: «Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou santo» (Lv 19,1), «deveis ser perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48), porque «esta é a vontade de Deus: a vossa santificação» (1Ts 4,3). As vias da santidade são múltiplas e adaptadas à vocação de cada um. A santidade é também o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral (NMI, 30).

A espiritualidade

Falar de espiritualidade, ou experiência espiritual, significa falar da vida cristã que se desenvolve, se consolida até a *plenitude da comunhão com Deus*. Esta vida aberta a Deus, torna-se uma experiência vital, a estrutura vertebral que dá sentido e unifica todo o viver da pessoa. A novidade essencial da espiritualidade cristã, como projeto de vida, está num Deus que é comunhão em si mesmo e que deseja viver em comunhão com todas as pessoas. O núcleo central da espiritualidade cristã é sempre *Jesus Cristo* e tem como protagonista o *Espírito*. Todas as espiritualidades que apareceram na história da Igreja são um aspecto da espiritualidade evangélica, a partir do qual se vive a totalidade do Evangelho.

A espiritualidade de um povo a caminho

No sentido espiritual, todos «somos estrangeiros e peregrinos nesta terra» (Hb 11,13), rumo à verdadeira pátria e ao cumprimento trinitário da história, quando tudo será submetido ao Filho e esse entregar tudo ao Pai, para que Deus seja tudo em todas as coisas (Ef 1,10; Cl 1,20). A grande riqueza da experiência espiritual do povo de Israel e da comunidade cristã ao longo dos

séculos, traz elementos que enriquecem e iluminam a experiência espiritual do povo migrante e de todos nós.

As grandes espiritualidades na vida da Igreja se mantêm voltando constantemente às suas fontes. É o «beber em seu próprio poço». A espiritualidade é como a água viva que brota no fundo da experiência de fé. E, «somente uma espiritualidade específica pode revestir de profecia a nossa presença na Igreja e no mundo e, assim, revitalizar a nossa missão com e para os migrantes nas Igrejas locais» (TS, 7). Como Igreja peregrina, somos enviados entre os homens e as mulheres das sociedades multiculturais e a anunciar-lhes o mistério da comunhão trinitária, pelo qual o diálogo entre o Pai, Filho e Espírito Santo se apresenta a nós como possibilidade e modelo de toda relação (TS,8). Aprofundar hoje a espiritualidade, que é vida no Espírito, como modalidade específica de viver a fé e a missão no mundo da mobilidade humana, não é refugiar-se longe da inquietação da história, mas buscar luz e força para responder aos desafios atuais com escolhas proféticas.

3. A espiritualidade na vida do fundador, bem-aventurado João Batista Scalabrini, dos co-fundadores, os servos de Deus padre José Marchetti e madre Assunta Marchetti e do patrono São Carlos

O brasão episcopal de Scalabrini



- ▶ O que encontramos no texto (Gn 28, 10-22)
- ▶ João retomou esse texto no Evangelho (Jo 1,51)
- ▶ O significado da escada (Gn 28,12)

A 'escada' pode ser vista como a síntese de uma espiritualidade que subia ao céu para se impregnar de Deus e descia à terra para encarná-lo em pessoas, acontecimentos e estruturas. A frase '*Video Dominum innixum scalae*' constituía o segredo e a explicação de sua espiritualidade. Deus deveria ser o único absoluto de sua vida, ocupando todos os espaços do coração. Portanto, há necessidade de contemplação (= anjo que sobe), para uma ação verdadeiramente rica da graça de Deus para distribuir às pessoas (= anjo que desce).

Jesus Cristo era o centro da vida de Scalabrini e essa progressiva configuração com Ele levou-o um estilo de espiritualidade interior. Ele mesmo afirmava: «faz-se verdadeiramente por fora, quanto se vive por dentro». Precisamos «tornar-nos suas cópias». O ideal de espiritualidade de Scalabrini é o de oferecer sua própria pessoa a Cristo, para que Ele prolongue, por meio dela, a sua Encarnação. Dizia também: «sem o sopro animador do Espírito de Deus, que só pode nos vir da oração, não seremos capazes de fazer alguma coisa de verdadeiramente grande, nobre e duradouro. A oração transfigura, sublima e diviniza a pessoa. Diante da oração Deus não pode resistir por muito tempo».

A centralidade de Jesus Cristo na vida dos co-Fundadores

Madre Assunta, Jesus Cristo era a razão de seu viver e de sua incansável doação. Viveu ancorada em Deus. «Façamos tudo para a maior glória de Deus e para a salvação das almas». Fazer a vontade de Deus era a orientação constante de sua espiritualidade.

Pe. José Marchetti, sabemos que se deixou modelar por Deus, pronto para aquilo que Ele o queria neste mundo, no seu projeto de salvação. «Sinto que na minha cabeça não estou eu, mas o querer de Deus, que se serve de mim, sem que eu me dê conta».

Contemplação e ação na vida de S. Carlos Borromeo

O papa Bento XVI afirma que Carlos foi um homem que se consumou por Cristo e, a partir d'Ele pelas pessoas. Tal dedicação não teria sido possível se não com a disciplina e o sustento de uma verdadeira espiritualidade. Aos sacerdotes coloca este santo como exemplo de vida interior e diz que o ministério sem espiritualidade torna-se um vazio ativismo.

S. Carlos vivia um equilíbrio quase perfeito entre contemplação e ação. Era capaz de reservar longos tempos de silêncio e oração, tanto de noite como de dia. Nos momentos de dificuldades dizia: «a quem podemos recorrer? Que devemos fazer? Três coisas podem nos livrar dos perigos: a presença do Mestre; a oração humilde e freqüente; uma fé sólida, sem medo».

Scalabrini escolheu S. Carlos como patrono dos seus missionários (as). Em 1982 escreve aos seus missionários: “De hoje em diante, honrar-vos-eis com o nome de missionários de São Carlos. Ele era um daqueles homens de ação que não hesitam, não se dividem, não recuam jamais; que, em tudo o que fazem, colocam toda a força da própria convicção, toda a energia da própria vontade, toda a integridade de seu caráter, tudo o que são; e vencem”!

II – O POVO DE DEUS A CAMINHO

1. O Povo de Deus no AT

Promessa da terra

O Povo de Israel possui uma memória de migrações por excelência. O itinerário por ele percorrido sempre teve uma motivação profunda e uma orientação precisa: a promessa da terra, descrita como uma «terra onde corre leite e mel» (Ex 3,8). A promessa da terra manteve o povo a caminho. Cada israelita podia repetir com o sacerdote na oferta das primícias: «meu pai era um arameu errante» (Dt 26,5). Abraão, Isaac, Jacó, são personagens-símbolos, emigrantes rumo a uma terra da qual não conhecem nem mesmo o nome. Abraão é considerado o paradigma do migrante. O Senhor disse: «saí da tua terra» (Gn 12,1). «Então Abraão partiu» (Gn 12,4). Seu único enraizamento é a fé (Gn 15,1-8). O seu deixar foi para obter, uma perda para ganhar.

O Êxodo teve um valor fundamental na consciência religiosa de Israel. Deus tem misericórdia do povo oprimido (Ex 3,7ss), o faz sair do Egito, caminha com ele. Na aliança do Sinai aqueles clãs de viandantes se tornaram uma comunidade, o Povo de Deus. Os patriarcas viveram como estrangeiros e viandantes (Hb 11,8-19). Aceitaram a peregrinação em atitude orante e sem prévio conhecimento do percurso. Para eles, o caminhar era o seu destino, a sua vocação, o seu crer e o seu esperar.

Experiência do deserto

A peregrinação no deserto foi um esvaziar-se de todo condicionamento de valores terrenos, onde Israel aprendeu a viver não só de pão, mas, sobretudo, da confiança na Palavra do Senhor. É o tempo em que Iahweh com sua pedagogia divina educou o povo, como um pai educa seu filho e conheceu o que tinha no coração (Dt 8,1-5). Oséias vê nessa recordação do deserto a infância de um povo que nasce e que é conduzido pela mão de Deus (2,16-17; 11,1-4; 12,10) e só um retorno ao estado «emigratório», debaixo das tendas, da pronta mobilidade, poderá reascender em Israel a antiga chama.

Espaço da tenda

No longo peregrinar do povo rumo à terra prometida, o Deus de Israel também partilha a sua habitação debaixo da tenda (Arca da Aliança). Iahweh caminha com o povo nos bons e maus momentos e, desde o primeiro encontro com Abraão (Gn 12,1-4), mostra ser um Deus viandante, peregrino, migrante. Essa é a verdade fundamental da experiência do êxodo, quando o Senhor caminhava na frente deles, de dia e de noite (Ex 13,21-22), verdadeiro líder da viagem.

Davi, no auge de sua potência, deseja construir um templo a Iahweh (2Sm 7). Mas Deus não quer habitar num espaço fixo e manifesta ao profeta Natã o que ele deve referir a Davi.

Reafirma diante do rei, do profeta e de todo o povo a sua identidade divina: é o Deus da tenda, um Deus migrante. Este traço da identidade de Deus reaparece no prólogo de João «e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...» (1,14).

Doloroso exílio

Particularmente, no exílio da Babilônia, os sentimentos de nostalgia da pátria, de tristeza e solidão, sobretudo a dramática situação religiosa que vivia os israelitas, são expressos no Sl 137. O profeta Jeremias os encoraja a repreenderem o culto, a vida litúrgica, a súplica de intercessão junto a Deus em favor dos inimigos. As promessas aos deportados (Jr 29) são uma antecipação da nova Aliança (Jr 31,33-34), que acontecerá com o «resto». «A dura prova das migrações e deportações foi portanto, fundamental na história do Povo eleito, em vista da Salvação de todos os povos» (EMCC, 14). A experiência dos deportados babiloneses, dos hebreus da diáspora, como Tobias (13,9-17), bem como dos migrantes hodiernos, revela que só é possível chegar à «verdadeira pátria» depois de ter vencido a solidão, a tristeza, as lamentações, os guetos, que são tentações sempre presentes.

Audaciosa esperança

No AT a atmosfera de esperança é impregnada pelas promessas de Deus. Com Abraão começa a história da esperança bíblica. No caminho do deserto, nem ídolos, nem templos, nem riquezas iluminaram a viagem. A única força e segurança era Deus. Quando as tribos de Israel receberam a terra, compreendem que no dom da terra estava a expressão visível da fidelidade de Iahweh. Davi expressa: «diante de ti não passamos de estrangeiros e peregrinos como todos os nossos pais» (1Cr 29,15), dimensão também presente entre os cristãos, que se sentiam como «estrangeiros e peregrinos nesta terra» (Hb 11,13), condição que comporta um peregrinar na esperança (Hb 11,1).

2. O povo da nova Aliança

A imagem «Povo de Deus» na eclesiologia

O Concílio Vaticano II assume a eclesiologia do Povo de Deus e expressa o elemento dinâmico da Igreja, que ultrapassa todas as fronteiras e se faz presente nas realidades do mundo como fermento, em atitude de diálogo, de escuta.

Na Igreja Povo de Deus, pastores e fiéis pertencem ao único povo, cada qual com suas tarefas específicas para a santificação de toda a Igreja. Redescobre-se a dimensão carismática de todo o Povo de Deus, a riqueza e a variedade dos dons que o Espírito efunde em cada batizado em vista da utilidade comum.

A catolicidade da Igreja

A origem trinitária da catolicidade da Igreja encontra sua origem na vontade do Pai, tem Jesus Cristo como único mediador e no Espírito Santo, que é princípio de comunhão (LG, 13-17). A catolicidade é uma dinâmica do Espírito que habita na Igreja, a move e a acompanha.

O aspecto extensivo da catolicidade abraça todas as raças, nacionalidades e culturas. A Igreja realiza a sua catolicidade, inserindo-se em cada cultura, no esforço de encarnar o Evangelho. Quanto mais as Igrejas particulares são inculturadas, mais a Igreja universal será católica e quanto mais superar a divisão entre os cristãos, maior será a plena realização de sua catolicidade (LG, 16.23).

O Povo de Deus em comunhão

O Vaticano II passou a considerar a Igreja essencialmente como mistério de comunhão, que deve manifestar-se em todas as expressões e estruturas de sua vida e missão. Nessa eclesiologia de comunhão existe o serviço e a participação de todos, conforme a multiplicidade de carismas, que se configuram na variedade dos ministérios a serviço da própria comunidade. A

comunhão eclesial é sinal da Trindade, atuando principalmente através das Igrejas particulares, células viventes nas quais vive toda a Igreja, una e universal. Fiel à sua identidade, a Igreja deve permanecer em comunhão íntima com a Trindade e com as necessidades da humanidade.

A Igreja peregrina

A partir do Vaticano II, a Igreja considerada militante, transformou-se em uma sociedade em marcha, uma comunidade a caminho. A Igreja peregrina procura adequar-se aos passos dos migrantes que encontra na estrada, que estão à procura de pão para satisfazer as suas necessidades materiais, da Palavra para encontrar respostas às suas necessidades de sentido e de comunidades que satisfaçam suas necessidades de amor e de pertença. Sua missão é acolher os migrantes como sinais dos tempos, como memória de seu caráter transitório neste mundo, como ocasião providencial para rejuvenescer e enriquecer-se, para redescobrir que o pluralismo e a diversidade, são exaltação de sua unidade e catolicidade.

Maria, mãe peregrina com seus filhos

Maria brilha diante do Povo de Deus ainda peregrino, como sinal de esperança segura e de consolação (RM, 25-28; LG 63). A Igreja nela se espelha, para ser como ela, portadora de Cristo, sinal de esperança. Da infância de Jesus ao evento de Pentecostes, Maria é protagonista e testemunha singular em um itinerário de fé que a constitui modelo e paradigma para cada discípulo e para a Igreja peregrina no mundo (LG, 63-65).

Assim como Maria, considerada símbolo do povo fiel e peregrinante e «ícone viva da mulher migrante» (EMCC,15), o migrante muitas vezes se encontra diante de um projeto de Deus, que vai além daquilo que poderia ter pensado para si e que não compreende logo.

III- ELEMENTOS QUE FUNDAMENTAM E CARACTERIZAM A ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA

1. A acolhida da diversidade

Israel diante dos estrangeiros

A hospitalidade dos israelitas em relação aos estrangeiros de passagem, ou residentes no território judaico, mas sem propriedade de terra, tem motivações teológicas. «O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou Iahweh vosso Deus» (Lv 19,34). Foram estrangeiros no Egito, por isso, deviam considerar-se estrangeiros também na terra que consideram sua pátria: «A terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e hóspedes» (Lv 25,23).

Moisés recorda ao povo a sua condição de povo migrante, numa espécie de confissão de fé (Dt 26,5-11). E, o Deuteronômio, no aspecto econômico, elabora uma verdadeira rede de previdência social, no aspecto jurídico, a lei previa tratar o estrangeiro como um cidadão (Dt 10,17-19) e na dimensão religiosa, integrar o estrangeiro e poderiam até participar de suas festas (Dt 16,9-17).

Jesus e os estrangeiros

Jesus não pronunciou palavras equivalentes aos imperativos da lei do AT: «tu não oprimirás o estrangeiro» (Ex 22,20). O Evangelho não impõe mais leis, mas vai além da lei do AT. No estrangeiro, miserável, prisioneiro, Jesus afirma que está lá, em pessoa (Mt 25,31-46).

Muitos estrangeiros vieram a Jesus e esses aparecem caracterizados por uma disposição maior em acolher o dom da salvação. Em aberta polêmica com os israelitas, Jesus faz de um samaritano o modelo de gratidão (Lc 17,18-19) e do amor ao próximo (Lc 10,30-37). As diferenças culturais e étnicas, nunca negadas por Jesus, são superadas no nível da fé. Posteriormente, a distinção irmão-estrangeiro está presente só para ser negada: em Cristo todos

são concidadãos (Ef 2,11). É o nascimento de um povo novo, a Igreja de Jesus Cristo (Gal 3,28; Cl 1,21).

A acolhida no AT e NT

No AT a hospitalidade tem motivações humanas e religiosas, teológicas e históricas. O estrangeiro que acolhem é sinal do divino entre eles. O modelo exemplar é Abraão, o primeiro grande emigrante da história da salvação, quando acolhe os três misteriosos personagens que aparecem junto ao carvalho de Mambré (Gn 18,1-16), nos quais Deus se revela como hóspede e forasteiro.

Os Evangelhos mostram Jesus itinerante, percorrendo cidades e povoados (Lc 13,22; Mt 9,35), errante e forasteiro na sua terra (Mt 8,20), pediu um copo d'água (Jo 4,7), na casa de amigos e adversários, de justos e pecadores. Em Cafarnaum se estabeleceu na casa de Pedro (Mc 1,29-31), em Jericó aceita a hospitalidade de Zaqueu (Lc 19,5-6), a caminho de Jerusalém se hospeda na casa de Marta e Maria (Lc 10,38; Jo 12,1). Ele mesmo se identifica com o estrangeiro que necessita de acolhida e reconhecê-lo nesta veste é decisivo para a própria salvação: «era forasteiro e me acolhestes» (Mt 25,35).

Jesus abateu o muro que dividia os vários povos. O seu comportamento acolhedor provocou escândalo entre os homens da lei. Sua atitude acolhedora foi constante até o último suspiro (Lc 23,43). E, após a ressurreição, se apresenta como hóspede na casa dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e depois os quer hóspedes à beira do lago de Tiberíades (Jo 21,1-19).

Paulo é acolhido na casa de seus compatriotas e mais tarde dos neo-batizados (At 16,25; 18,2-3). E exorta: «acolhei-vos» (Rm 15,7), «sejam atentos à hospitalidade» (Rm 12,13). Nas cartas Pastorais e Católicas, a hospitalidade é recomendada aos responsáveis e a todos os membros da comunidade. «Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos...» (Hb 13,1-2).

A acolhida na Igreja primitiva

Nos primeiros séc. da Igreja, a hospitalidade passa a ser assumida não mais como um dever e respeito por uma tradição, mas por causa de Cristo. No séc. IV, surgem casas de acolhida abertas para os irmãos na fé, expressão evidente da hospitalidade cristã. Para João Crisóstomo, acolher um peregrino é acolher Cristo. E Agostinho estava convicto que através da hospitalidade aos pequenos chega-se a Jesus, que é pobre, nu, indigente. E dizia: «aprendam a receber o hóspede, no qual se manifesta Cristo». A práxis da Igreja primitiva tornou-se o principal suporte para a dinâmica de universalismo na atividade missionária, autêntica expressão do ágape evangélico.

A acolhida na vida do Fundador, co-Fundadores e São Carlos

Scalabrini, desde sua primeira carta pastoral dizia: «quanto a mim, de acordo com minhas forças, abraçarei a todos com o meu ministério, fazendo-me servo de todos pelo Evangelho». Sua solicitude vigilante chegava em qualquer lugar e em todas as camadas sociais, seu zelo encontrava pobres para orientar, aflitos para consolar, gente para salvar.

Madre Assunta era solícita em acolher as co-irmãs, os órfãos. Quando chegava um novo órfão, era a primeira a oferecer-se para prestar-lhe os primeiros cuidados de higiene.

Pe. José Marchetti via o Cristo no rosto dos mais pequenos. A caridade foi a chama que iluminou e impregnou todo o seu apostolado. Seu sonho de dar um amparo fraterno e digno a todos, vai se realizando através da doação de si, de sacrifícios pessoais, de uma missão extenuante.

S. Carlos sempre teve um coração aberto aos pobres e aos necessitados. Soube sofrer com os sofrendores. Dizia: «em primeiro lugar, preocupem-se sempre em ter diante dos olhos Cristo Senhor, o qual laboriosamente servem, quando nutrem, vestem e ajudam os necessitados». Durante a peste em Milão, em 1576, todos os que puderam, fugiram, inclusive as autoridades

civis. Mas o pastor não podia abandonar as suas ovelhas e permaneceu ao seu lado. Vendeu o que tinha no palácio episcopal para socorrer as vítimas.

Uma espiritualidade acolhedora da diversidade

- Contempla Cristo em sua êxtase divina em direção às pessoas, colocando-o como fundamento de toda êxtase humana em direção ao outro.
- Brota diretamente da atenção prestada à pessoa do migrante, como construtor escondido e providencial da grande civilização do universal.
- Assume na dimensão pessoal e comunitária, «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje» (GS, 1) e entre eles estão os migrantes.
- Exige a passagem do medo e da indiferença, ao paradigma da diversidade, da tolerância ao respeito, que leva à perspectiva da solidariedade e da partilha.
- Pressupõe um desejo e uma atitude mental e espiritual em direção ao outro, que supera preconceitos, distâncias e indiferenças.
- Leva ao recíproco enriquecimento, um intercâmbio dos bens morais, étnicos, culturais, religiosos, que favorecem a complementação e aperfeiçoamento mútuos. O processo de acolhida da diversidade exige esvaziamento de si, da própria cultura.
- Empenha a pessoa, a comunidade e toda a Igreja, à «redenção» das culturas, uma antecipação da fraternidade pentecostal, onde as diferenças são harmonizadas pelo Espírito e a caridade se faz autêntica na aceitação do outro.

2. A universalidade

A universalidade no AT

A eleição de Israel é puro dom, graça, porque Iahweh o ama e quer manter o juramento feito aos patriarcas (Dt 7, 7-8) e isso implica um serviço, uma missão. O horizonte profético é o mais amplo e criativo. O segundo Isaías é a voz mais alta (figura do servo) e seus oráculos são destinados a toda a humanidade (Is 19,16-25). «Eu virei para reunir os povos de todas as nações e línguas» (Is 66,18). Existem posições de um universalismo aberto, como também posições de separação (Esd 10,2). O separatismo é denunciado através de textos esplêndidos, como o de Jonas, Rute, Tobias.

A universalidade no NT

Mateus coloca na genealogia de Jesus (Mt 1,2-16) quatro mulheres, todas estrangeiras.

Jesus revela a perspectiva de um messianismo respeitoso diante da eleição de Israel e em seu ensinamento, cada pessoa pode invocar o «Pai nosso» (Mt 6,9), os pagãos participam em pleno direito ao Reino (Mt 8,11ss; Lc 13,28-29), como participam os samaritanos (Jo 4).

Lucas mostra a destinação universal de seu anúncio, o livro dos Atos a confirma e o Concílio de Jerusalém a ratifica (At 15). A rápida difusão das primeiras comunidades cristãs deu-se neste mundo submetido à mobilidade. A diáspora no passado, as migrações hoje, são vias efetivas de universalismo.

O Pentecostes

No dom de Pentecostes (At 2,1-13) está a inauguração da nova Aliança. Lucas insiste sobre a diversidade e universalidade de povos, do novo Povo de Deus, cujo princípio de coesão é Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Pentecostes não cria uniformidade. O dom do Espírito é dado a todos os membros e inicia a missão. Forma-se uma comunidade aberta a todos, até os confins da terra (At 2,5-11).

Desde seu nascimento a Igreja se apresenta com as características da universalidade, que se estende também aos pagãos (At 10,44-48). «Os estrangeiros são sinal visível e proclamação eficaz daquele universalismo que é elemento constitutivo da Igreja católica» (EMCC, 17).

O horizonte universal de Scalabrini

Scalabrini via no fenômeno migratório uma fonte privilegiada de humanidade e de cristianismo. «Quase sempre, a emigração não deixa de ser um bem para a humanidade: abre caminhos novos ao comércio, facilita a difusão das descobertas, funde e aperfeiçoa as civilizações, alarga o conceito de pátria para além dos confins materiais, dando ao homem como pátria o mundo». «Todas as famílias formarão uma única família, todos os povos um só povo, toda a humanidade um só rebanho, sob a guia de um só Pastor... Cabe-nos antecipar este dia».

No espírito ecumênico e universalista se fundamenta a grandeza do carisma legado por Scalabrini. Por isso, nossa missão é sermos sempre e por toda a parte, promotores da catolicidade e da missionariedade da Igreja.

Uma espiritualidade com a face da universalidade

- Privilegia as imagens, símbolos, gestos, ritos, os quais podem ser partilhados e compreendidos por todos. A linguagem das imagens e símbolos contém uma riqueza e uma capacidade unitiva extraordinária.

- Inspira-se na universalidade do Evangelho, que é eminentemente espiritual. É a universalidade da superabundância da graça de Deus. Como num banquete, pessoas do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul virão partilhar da refeição no Reino de Deus (Lc 13,29).

- «Desta multidão, as migrações podem ser como uma chamada e uma prefiguração, do encontro final de toda a humanidade com Deus e em Deus» (EMCC, 17).

- Oferece a todas as Igrejas particulares a ocasião de verificar o seu caráter universal e isso não consiste somente em acolher as diferentes etnias, mas criar comunhão entre elas (João Paulo II).

- Implica atenção às tradições religiosas não-cristãs, veículos de aspectos da Revelação, as «sementes do Verbo» espalhadas pelo mundo, frutos da superabundância do dom de Deus. Essa tarefa de aproximação, diálogo, partilha, exige *kénosis*, semelhante àquela de Cristo (Fl 2,6-11).

3. A encarnação e provisoriedade

A Encarnação

No AT, Deus se revela, intervém com vários tipos de Alianças, através de pessoas, eventos, natureza (Ex 31,18; 34,35). No NT, Deus se manifesta pessoalmente e a Encarnação é a máxima revelação de Deus. Jesus é a última e definitiva palavra de Deus à humanidade (Hb 1,2), é epifania de Deus na história, único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5; Hb 8,6). No princípio era o Verbo (Jo 1,1) e na plenitude dos tempos Deus entra na história humana fazendo-se homem (Gl 4,4-5). A eternidade divina aceita entrelaçar-se com a história humana.

A Encarnação e kénosis

Todo o dinamismo da Encarnação do Verbo é projetado à redenção através da morte na cruz do Filho de Deus. A Encarnação não tem outra finalidade que a cruz, a redenção da pessoa, a sua elevação a filho adotivo de Deus. A encarnação e a cruz revelam que Jesus raciocinou em termos de solidariedade, partilha e doação.

O hino aos Filipenses (2,6-11), expõe a novidade mais profunda do mistério de Cristo, que é a sua encarnação e morre por obediência ao Pai na cruz. O Filho se priva de sua condição de glória eterna para assumir a condição humilde e pobre do servo. Foi a grande *kénosis*, o esvaziamento que o Filho pré-existente fez de si. Essa descida de Deus é o fundamento da elevação da pessoa, a condição de igualdade com Deus.

Estrangeiros e peregrinos na concepção cristã

Na Igreja primitiva, a concepção cristã de peregrinos e estrangeiros indicava um sentido novo de estar presente no mundo. Os fiéis não pertencem mais a este mundo, devem aceitar essa situação incerta por causa de Cristo (1Pd 2,21), dando razões de sua esperança (1Pd 3,13-17), peregrinos rumo à *polis* celeste (1Pd 2,11).

Testemunho eloqüente deste estilo de vida cristã, vem da carta «*A Diogneto*»:

Não se distinguem os cristãos dos demais. Não habitam cidades à parte, não empregam idiomas diversos dos outros, não levam gênero de vida extraordinário. Moram na própria pátria, mas como peregrinos. Toda terra estranha é pátria para eles e toda pátria, terra estranha.

O cristão sente-se peregrino e estrangeiro mesmo sem nunca ter-se afastado de sua terra, mas peregrino no seu coração e no seu ânimo, a fim de ganhar o maior número possível» (1Cor 9,19) para Cristo. Agostinho afirma que na terra tudo é transitório: «aqui és hóspede, estás de passagem. Usa deste mundo sem muitos apegos. Estás de viagem! Vieste para andar mais adiante, não para ficar...».

A encarnação na vida do Fundador, co-Fundadores e São Carlos

Scalabrini afirma que em Cristo não apenas nos tornamos filhos de Deus, mas somos extensão da Encarnação. Nós somos esta carne, estes ossos, esta natureza. O Verbo vem à terra para fazer-nos viver a sua vida. Jesus Cristo assumiu a nossa humanidade para sentir mais profundamente a compaixão e experimentar em si mesmo as aflições, as misérias, as dores daqueles que ama.

Madre Assunta considerava-se a serva de todos. Um médico afirmou: «Via Deus nos que sofriam: Servia-os como se servisse o próprio Deus diretamente». Preferia sempre os trabalhos mais humildes e repugnantes. A família, o nome, o cargo, nada significavam para ela.

Pe. José Marchetti pautou sua vida sobre o modelo Cristo, despojado da própria divindade, ofertando a vida para a regeneração de todas as pessoas. Doou-se total e radicalmente, oferecendo sua própria vida para que os migrantes, os órfãos, os abandonados tivessem uma vida mais digna.

São Carlos não permanecia indiferente diante dos sofrimentos alheios. Socorria a todos os pobres e onde aparecia sua emagrecida e cansada pessoa, sempre inflamada de um fogo espiritual que lhe animava o andar, chegava também a bênção de Deus.

Uma espiritualidade encarnada e provisória

- Inspirando-se na encarnação do Verbo, essa espiritualidade assume o viver histórico como empenho temporal, como encarnação na história, como presença viva nas estradas e nos acontecimentos dos cristãos.

- Encarna-se nos desertos sociais e humanos, nas lutas e compromissos dos migrantes e comunidades envolvidos nos grandes desafios das questões sociais, como a justiça, a liberdade, a solidariedade, os quais ajudam o migrante a compreender que estes lugares já foram visitados pelo Salvador.

- Descobre que o Espírito sopra infalivelmente nesses lugares privilegiados e se alimenta na escuta da Palavra, na oração, na celebração sacramental.

Itinerância apostólica e sentido de provisoriedade:

- Ser peregrinos e não sedentários, deve tornar-se um estilo de vida, porque a verdadeira fé desenraiza do presente, das seguranças.

- Para o migrante, o sentido do provisório quebrará cada ilusão de definitivo ou de ideal realizados na terra onde vive, recordando que a única pertença é a Deus e que para Ele se caminha.

- Para os missionários, a missão não é colocar raízes, mas ajudar os migrantes a integrarem-se, sensibilizar a Igreja local a abrir-se e depois partir. No mundo das migrações não há lugar para os sedentários.

- «É necessário colocar a caminho uma Igreja tentada a sedentarizar-se. As estruturas pastorais também devem ser flexíveis e abertas e este parece ser o maior desafio do futuro» (EMCC, 90).

- «Ide, novos apóstolos de Jesus Cristo, ide mensageiros velozes... ao povo que vos espera... Vasto, sem fim, é o campo aberto ao vosso zelo. Lá, templos para erguer, escolas para abrir, hospitais para construir, asilos para fundar, o culto do Senhor para prover...» (Scalabrini).

4. A comunhão nas diferenças

Comunhão nutrida pela Palavra e pela Eucaristia

A *Palavra* ajuda os migrantes a contemplarem a própria história como um caminho conduzido por Deus. A experiência cristã seria totalmente incompreensível, sem o seu enraizamento na aliança com Abraão e sem uma constante referência à fé de Israel. A *Palavra* emerge da narração dessa história conduzida por Deus.

A Eucaristia o viático do povo a caminho, pão oferecido à nossa condição de viandantes. Apresenta-se como o sacramento que constrói a Igreja no seu estado peregrinante. Sendo presença real do Ressuscitado entre os seus, está ligada a uma concreta comunidade. É o centro da vida comunitária e constitui uma fonte inexaurível de graça que impulsiona à comunhão dos fiéis entre si, abrindo-os à catolicidade, à acolhida de todas as diversidades, onde se experimenta a diversidade de cada um, como uma riqueza para todos.

A Palavra e a Eucaristia na vida do Fundador, co-Fundadores e S. Carlos

Scalabrini, através da *Palavra* conheceu a si mesmo, aos outros e tornou-se homem espiritual. Afirmava que devemos escutar a *Palavra* de Deus porque ela é verdade absoluta, suprema, imutável. Não podemos nos governar por nós mesmos, necessitamos consultar a vontade de Deus.

A Eucaristia é no mundo espiritual o que é o sol no mundo físico, cujo calor difunde a fecundidade e a vida. Na Eucaristia Cristo se tornou acessível a todos e habita indiferentemente nas basílicas das grandes cidades, como numa rústica igreja. Em sua beatificação o papa afirmou: «Era um homem enamorado de Deus e profundamente, extraordinariamente devoto da Eucaristia» (João Paulo II).

Madre Assunta viveu em particular sintonia com Cristo Eucarístico e testemunhas afirmam que se transfigurava diante do mesmo. Permanecia horas inteiras diante d'Ele, depois de ter cumprido todos os seus deveres de trabalho.

Pe. José Marchetti, o amor à Eucaristia o vemos expresso no seu zelo em celebrá-la nos lugares mais distantes junto aos imigrantes, na preocupação de não poder celebrá-la com frequência com as irmãs e órfãos e na contemplação do Senhor. Vendo-o rezar, o seu semblante brilhava de uma luz interior.

São Carlos queria que a Eucaristia fosse celebrada com devoção e beleza. Queria levá-la como viático a todos os doentes. E dizia: «Cristo na Eucaristia é sabedoria, conselho, defesa e força. Verdadeiro Pão da Vida, é o nosso verdadeiro alimento para o crescimento na configuração a Ele». E a respeito da *Palavra* afirmava: se nós fôssemos ferventes no amor de Deus como as multidões que seguiam Jesus, quando Ele multiplicou os pães, não dedicaríamos somente duas horas à escuta da *Palavra* de Deus, mas três dias ou mais. João Paulo II expressou: «O Evangelho se tornou para S. Carlos a verdadeira *Palavra* de vida, plasmando-lhe os pensamentos e o coração, as decisões e o comportamento».

Comunhão que se fortalece na pertença à comunidade

A mediação fundamental da experiência de Deus dá-se fundamentalmente na comunidade. O próprio Jesus nasce identificado com seu povo, organiza a comunidade dos doze. Em pequenas comunidades, ou em grupos, é possível celebrar a experiência de Deus de forma radicalmente diferente. Os membros começam a participar como sujeitos criativos na reconstrução da Igreja e, a partir de sua experiência histórica e de sua própria cultura, criam uma nova espiritualidade, novos símbolos, novas orações, nova maneira de celebrar, de ler a Bíblia, de refletir sobre a fé e de interpretar a sua própria história de salvação. No contexto migratório, o migrante tem sede de relações novas, de sentir-se aceito e de fazer a experiência de comunhão na comunidade.

Comunhão que se transforma em diaconia

Na Igreja primitiva, a comunhão transformava-se em operosa diaconia. Esta fazia parte do anúncio do Evangelho. «Veja como se amam entre eles», diziam os pagãos.

Gregório Nazianzeno, exorta à virtude da misericórdia. Gregório de Nissa afirma que a comunidade e a sociedade melhoram quando dão atenção à pessoa. Contestava atitudes de pessoas: «se afastam do pobre porque sujo e pálido e tratam afetuosamente os animais». Ambrósio de Milão dizia: «não é possível mandar embora quase o próprio irmão: eles são nossa família e nossos parentes». João Crisóstomo, lançou um apelo: «fazer com que a terra se torne céu». Estava convicto que o amor se transforma em diaconia e esta transforma a terra.

A comunhão na vida do Fundador, co-Fundadores e São Carlos

Scalabrini tinha uma ânsia pela unidade. Dizia: se queremos viver do Espírito Santo, conservai a caridade, amai a verdade, desejai a unidade. Aos seus missionários recomendava a unidade na caridade. «Nenhuma categoria de homens, porquanto rica de forças individuais, se não se sujeita à grande lei da unidade, jamais fará coisas grandes e muito menos o farão os missionários. Por isso, suplico-vos por amor a Jesus Cristo e pelo bem de nossos irmãos, de não desagregardes vossas forças, empregando-as cada um por própria conta».

Madre Assunta, sua vida justa, honesta, simples, humilde e autêntica com as irmãs, eram demonstração de comunhão. Amou intensamente os irmãos com um amor oblato e universal. Afirmava que sem união e a caridade não era possível o bem dos outros. Desejava que as irmãs da Congregação estivessem unidas como os elos de uma corrente. Exortava-as para trabalharem pela unidade e para formarem um único corpo.

Pe. José Marchetti empenhou-se em viver a comunhão com os seus superiores, com seus co-irmãos de Congregação, com os migrantes e com outras pessoas com as quais tinha relações. Desejava formar uma comunidade com seus co-irmãos, um corpo compacto e organizado, de grande força moral e física. Assim dizia: «o bem da Congregação exige que estejamos unidos e não dispersos».

São Carlos viveu uma profunda comunhão com todos. Quando o povo soube que ele havia falecido, Milão vestiu-se de luto, e o lamento do povo fez-se ouvir em toda parte. Nas estradas ecoavam gritos desesperados. «Que acontecerá agora conosco»? Naquela noite poucos dormiram...

Uma espiritualidade tecedora de comunhão nas diferenças

- Faz com que a comunhão se torne reflexo do amor trinitário, que se manifesta em cada Igreja particular, convocada a tornar-se a «casa e a escola de comunhão» (*NMI*, 43.45.48).

- Direciona o olhar do coração sobre o mistério da Trindade que mora em cada pessoa, vendo-a como uma diversidade que enriquece e não como uma diferença que ameaça. Outrossim, é a capacidade de ver o positivo no outro, acolhê-lo, valorizá-lo, partilhar suas alegrias e seus sofrimentos (*NMI*, 43-45).

- Inspira-se na relação trinitária e torna a comunidade mediadora do encontro com Deus, o lugar onde se pode experimentar-Lo presente entre os irmãos.

- Muda o coração e a mente do peregrino de Deus, também no plano das relações humanas e o dispõe a acolher o outro na sua alteridade-diversidade.
- Exige empenho nas comunidades, é uma dinâmica laboriosa, requer etapas e respeito às identidades particulares, culturais, étnicas, religiosas e outras. O empenho por esta espiritualidade imprime um novo impulso também ao ecumenismo.
- Uma espiritualidade que parte da plenitude da comunhão trinitária e se prolonga no mundo no mistério da encarnação, torna-se fonte e luz da história, fermento de transformação da humanidade.

5. Sinal de esperança

A esperança e o Reino

É próprio dos peregrinos caminhar tendo os olhos continuamente voltados para a meta (Fl 1,6; 3,20; Hb 11,13-14). A esperança é intimamente ligada ao tema do Reino anunciado por Jesus, um Reino que é um «já e ainda não» (Mt 6,10; Mc 14,25), à espera de sua plena realização.

Para Paulo, o que põe os cristãos em «situação de esperança» é a morte e a ressurreição de Jesus e por isso ele fala da alegria na esperança (Rm 12,12). Na carta de Tiago e primeira de Pedro, o tema da esperança continua com uma forte conotação do tempo presente, «tempo de prova e espera» e com apelos à paciência em vista da recompensa futura (Tg 5,7-9; 1Pd 1,4-13).

A confiança na Providência Divina

A esperança que sustenta os peregrinos de todos os tempos, gera uma ilimitada confiança na Providência Divina. O Deus que prevê é o Deus que toma cuidado de seu povo. Jesus exorta a não se angustiarem pelo amanhã (Mt 6,34), convida os discípulos para viverem com integridade a sua relação de fé no Pai celeste e exorta-os a não se deixarem dominar pela preocupação obsessiva do comer e vestir. Pessoas e comunidades que, em perspectiva de fé, refletem sobre suas experiências migratórias, facilmente se convencem de que a pessoa é conduzida mais pela Providência de Deus que pelas suas habilidades pessoais.

A esperança na vida do Fundador, co-Fundadores e São Carlos

Scalabrini vê a história humana como continuação e extensão da encarnação e o advento do Reino de Deus no fenômeno histórico e social da migração. «Emigram as sementes, nas asas do vento; emigram as plantas de continente a continente, e mais do que tudo, emigra o homem, sempre instrumento da Providência que preside e guia os destinos humanos» Dessa visão histórica derivam consequências de ordem espiritual, que numa palavra se pode dizer: esperança.

Madre Assunta vivia com esperança. Em qualquer circunstância difícil, tudo colocava nas mãos de Deus: «Deus não nos abandona». Soube manter inalterada sua grande esperança diante de qualquer dificuldade, e superava-a.

Pe. José Marchetti expressava: *Deo Gratias*. São palavras que resumem uma vida de fé, de amor, de esperança e confiança no Deus que se fez nosso irmão e nos quer irmãos. É o agradecimento a Deus paternalmente providente.

São Carlos estava aprisionado num corpo, mas sua alma vivia no céu. Nele existia somente a aparência da carne. Porque tinha esperança, tudo fez pelo seu povo.

A Providência Divina na vida do Fundador, co-Fundadores e São Carlos

Scalabrini dizia que a misteriosa providência de Deus, que governa todas as coisas, acima de qualquer previsão, adota muitas vezes elementos para cumprir as mais grandes obras e a eleger as coisas frágeis para confundir os fortes, a fim de que ninguém se glorie. O homem propõe, mas Deus dispõe; o homem se agita, mas Deus o conduz; o homem trabalha e semeia o seu campo, mas o fruto quem o dá é Deus. Em cada coisa preside um desígnio particular da Providência.

Madre Assunta, nos momentos de perigo ou de dificuldades, exclamava: «Deus vê, Deus provê». Tinha uma confiança ilimitada na Providência Divina. Experimentava com frequência a fidelidade de Deus-Providência e confiava nele sem reservas. «Estamos nas suas mãos e tudo o que Ele faz, é bem feito».

Pe. José Marchetti tinha fé na Providência Divina, a quem confiava seus sonhos. D'Ele lhe vem a certeza: «Deus queria o orfanato, eu o vejo, sinto e percebo. *Deo Gratias!*» Compreende a fé na Providência como uma exigência de não deixar o mundo como está, mas trabalhar para a sua renovação. Por isso se empenha com todas as suas forças e procura envolver outras pessoas, confiando-lhes responsabilidades. Repetia: «Avante, até que Deus queira».

São Carlos dizia aos sacerdotes milaneses: «não temos duas vidas, mas uma só; devemos, portanto, consumi-la por Jesus Cristo e pelas almas; não como desejamos nós, mas no tempo e no modo queridos pela Providência Divina».

Uma espiritualidade que faz caminhar na esperança

- Tece nos corações as mais secretas certezas e põe a pessoa a caminho da meta. Ela é essencialmente a disponibilidade no empenho em uma experiência de comunhão, provém da experiência de comunhão e garante esta comunhão.

- Plenifica a realidade pessoal, social e cósmica. Possui um caráter global, refere-se a este mundo, mas visa o *escaton*. No presente, já é uma promessa plena de gozo e convida a todos, aqui e agora, a construir o Reino de Deus. Torna-se, assim, a chave da existência humana orientada ao futuro, mediante a transformação do presente.

- Empenha a pessoa a viver a perspectiva da esperança escatológica, que não é uma evasão da história, mas tem raízes na práxis histórica e incidência sobre o político e social.

- Sustenta os migrantes e toda a Igreja, ajudando-os a caminhar confiantes, como se estivessem vendo o invisível (Hb 11,27). Desta forma, tornar-se-ão um «sinal vivo de uma vocação eterna, impulso contínuo àquela esperança que, apontando um futuro além do mundo presente, solicita deste a transformação na caridade e o superamento escatológico» (*EMCC,18*).

Conclusão

«A Igreja é o Corpo Místico de Cristo, é um corpo moral, composto de muitos membros, diversos uns dos outros, mas todos unidos a formar um só corpo, com tal conformidade e distribuição, que se beneficiam reciprocamente, e todos contribuem à vida, ao vigor, à santidade, à conservação do mesmo corpo» (Scalabrini).

«K. Rahner afirmava que o verdadeiro cristão olha para o futuro. O presente é apenas um estado provisório, transitório e deve ser superado».

«Em nossa peregrinação terrena, recordemos a admoestação do profeta: «Caminha humildemente com teu Deus» (Mq 6,8).